

O Ditador Perpétuo José Gaspar Rodríguez de Francia, O Supremo: Um “Príncipe” na Bacia do Rio da Prata?

Marcus Vinicius Ramos*

Resumo: A ocupação do território paraguaio pela Coroa espanhola começou com o fracasso de suas expedições ao Alto Peru a partir do Rio da Prata, na primeira metade do séc. XVI. Por outro lado, o movimento inicial de sua independência está relacionado ao sucesso de seus habitantes em resistir às tentativas portenhas de submetê-los ao controle da Junta de Buenos Aires, a partir de 1810. A pouca importância comercial, a posição geográfica peculiar, a forte miscigenação e o predomínio do guarani sobre o castelhano reforçaram o isolamento da região e favoreceram o surgimento de uma sociedade com características distintas das demais sociedades platinas. Esse trabalho sugere que essas particularidades facilitaram a ascensão de José Gaspar Rodríguez de Francia ao poder, exercido segundo a ética republicana estabelecida a partir da instituição do Estado moderno na Europa.

Palavras-chave: Paraguai; Francia; Estado Moderno.

Abstract: The occupation of the Paraguayan territory began with the Spanish failure in reaching Upper Peru through the Prata River and its tributaries in the first half of the XVI century. The independence movement, on the other hand, was related to the success of its inhabitant's to resist several subjection attempts by the Buenos Aires *Junta*, beginning in 1810. The lack of commercial importance, its peculiar geographical position, interethnic mixing and the predominance of the Guarani over the Castilian language, also reinforced the isolation of the region and originated a society with different characteristics from those observed in other areas of the Prata. This paper attempts to demonstrate that these elements contributed to Francia's rise to power, which was enforced according to a republican ethic established by the birth of the modern State in Europe.

Keywords: Paraguay; Francia; Modern State.

A América não conhece a história do Paraguai
Senão contada por seus rivais.
Alberdi

Este artigo pretende demonstrar que as atitudes tomadas pelo governo paraguaio durante a ditadura do Dr. Francia, *conforme descritas no pequeno corpus literário publicado em sua época*, não correspondiam, necessariamente, àquelas geralmente atribuídas a um “tirano sanguinário”, pois segundo esses relatos e interpretações, satisfaziam às peculiaridades do país e obedeciam, em linhas gerais, a uma ética republicana estabelecida a partir da instituição do Estado moderno na Europa.

* Doutorando em História – PPGHIS – UnB. ramosmvr@yahoo.com.br

Dos Conceitos

O modelo de república inicialmente adotado pelo Paraguai não seguiu o exemplo do federalismo dos Estados Unidos e muito menos o da democracia popular idealizada pelos radicais da Revolução Francesa, e sim o observado na Roma antiga, com a eleição de dois Cônsules. Essa opção poderia estar relacionada, como sugerem alguns, ao fato da América espanhola ter características comuns com a cultura greco-romana - uma vez que o ambiente público e político das colônias se desenvolviam no *pueblo* - ou, como querem outros, ser mediada pela teologia escolástica de São Tomás de Aquino, mesmo enfraquecida pela expulsão dos jesuítas em 1767.¹ Assim, é possível que o ensino da teologia escolástica espanhola tenha sobrevivido na Universidade de Córdoba, instituição de ensino de origem jesuítica onde estudou Francia. Os postulados escolásticos, em relação ao conceito de *tiranía*, seguem em linhas gerais a tradição aristotélica, que a define como:

[...] o poder arbitrário de um indivíduo que não se sujeita a ninguém; governa a todos da mesma maneira, sejam iguais ou melhores que ele, visando seu próprio interesse e não o de seus súditos e, portanto, contra sua vontade. Nenhum homem livre se puder escapar dela, suportará tal governo.²

Juan de Mariana (1536-1624), um dos nomes mais respeitados daquela corrente, expande esse conceito, afirmando que a tirania corresponde quase sempre a um ato de usurpação de poder por um indivíduo que passa a governar sem preocupações com a justiça:

[...] A tirania, que é a última e pior forma de governo, começa muitas vezes por apoderar-se do poder a viva força, e tendo origem boa ou ruim, pesa sempre de maneira cruel sobre a fronte de seus súditos. Ainda que partindo de bons princípios, cai em todo gênero de vícios, principalmente na cobiça, na ferocidade e na avareza [...] O maior poder (do tirano) consiste em poder entregar-se desenfreadamente às suas paixões, matar os bons e tendo cometido todo gênero de crime, chegar ao fim de sua vida sem que haja uma única ação vil à qual não tenha se entregado.³

¹ CRESPO, Maria V. "The Concept and Politics of Tyranny and Dictatorship in the Spanish American Revolutions of 1810". In Kari Palonen (Ed.). *Redescriptions: Yearbook of Political Thought and Conceptual History*, Vol.10. Berlin-Münster-Wien-Zürich-London: LIT Verlag, 2006, p. 88.

² ARISTOTLE. *Politics*. Book IV, Part X. In <<http://classics.mit.edu/Aristotle/politics>> 14/07/2010.

³ MARIANA, Juan. *Del Rey y de la Institución Real*, pp. 34-37. In <<http://www.scribd.com/doc/20902417/Del-Rey-y-de-la-institucion-real>> 18/07/2010.

Rompido o pacto entre o rei e seus súditos, como ocorreu com a abdicação de Carlos IV e Fernando VII ao trono espanhol, nada mais natural que o poder retornasse ao povo e que esse, por sua vez, criasse as Juntas Provisórias de Governo. Dessa forma, a tradição escolástica espanhola poderia ser considerada, pelo menos teoricamente, como o fundamento ideológico central nos acontecimentos iniciais dos movimentos revolucionários na região da bacia do rio da Prata. Essa colocação é ainda corroborada pelo fato de não haver, na documentação da época, qualquer “referência que permita supor que os participantes dos acontecimentos de 14 de maio de 1811, tivessem outra noção de organização e funções de governo de uma nação além dos postulados escolásticos e medievais das *Leyes de las Indias*”,⁴ as quais regulavam a vida social, política e econômica dos habitantes da parte americana da monarquia espanhola.

Contudo, essa interpretação não é unânime e tem sido objeto de crítica de fontes diversas, “especialmente por parte de uma historiografia liberal, que não tem dúvidas em atribuir ao Iluminismo e à Revolução Francesa a principal influência naqueles acontecimentos”.⁵ As ideias de Rousseau, no que se referem à soberania popular e Volney, relacionadas à conveniência de se organizar um “novo Estado submetido a determinadas regras para a conservação da paz”,⁶ poderiam ser identificadas, por exemplo, na exposição feita por Francia à Junta Geral, em julho de 1811:

[...] A Província do Paraguai, saindo da letargia da escravidão, recuperou seus direitos para cuidar e dispor por si mesma de sua própria felicidade. O tempo da ilusão e do engano é passado [...] Novas ideias, que estão ligadas ao interesse geral, foram adquiridas e propagadas. Desenvolveram-se os princípios fundamentais das sociedades políticas; homens de talento analisaram todos os direitos, todas as obrigações, todos os interesses da espécie humana [...] Aproveitemos tão feliz situação - e que a lembrança das desditas, aflições e abatimentos passados nos sirvam de lição e experiência a evitar no futuro - para formar uma barreira inexpugnável contra os abusos do Poder [...] A natureza não criou os homens sujeitos ao jugo perpétuo de nenhuma autoridade civil - pelo contrário, os fez a todos iguais e livres de pleno direito [...] São urgentes as circunstâncias em que nos encontramos. A soberania desapareceu em nossa nação [...] e nessa incerteza e

⁴ ASHWELL, Washington. “La Independencia del Paraguay y sus conflictos con Buenos Aires”. In BREZZO, Liliana M. (Ed.). *Aislamiento, Nación e Historia en El Río de La Plata: Argentina e Paraguay. Siglos XVIII - XX*. Rosario: República Argentina, 2005, pp. 135-36.

⁵ Crespo, *op.cit.* p. 90.

⁶ Ashwell, *op.cit.* p. 164.

situação que pressagiam uma convulsão quase geral, essa Junta saberá refletir sobre a maneira mais oportuna de prover a nossa defesa, segurança e felicidade.⁷

Menos controversa que a escolástica, a ética republicana estabelecida a partir da instituição do Estado moderno na Europa parece oferecer um melhor embasamento teórico para os movimentos independentistas da América Hispânica. O surgimento do pensamento político moderno no início do séc. XVI - com a publicação dos *Discorsi* e d'*O Príncipe* por Niccolo Machiavelli (Maquiavel)⁸ - afirma que na política, o *poder real* precisava ser preservado a qualquer custo e sempre que possível ampliado. Maquiavel rompia, portanto, com a tradição antiga, que via a política como forma de promover o bem comum, e também com a cristã, que a entendia como uma “maneira de preparar a Cidade de Deus na terra”.⁹ Mais que uma questão de princípios ou de justiça, a política passa a ser definida simplesmente como *poder*, ou seja, a capacidade de se impor:

Para se examinar perfeitamente esse ponto, faz-se necessário, portanto, saber [...] se para executar seus desígnios os governantes precisam pedir ajuda a outrem, ou podem se impor por si próprios. Na primeira hipótese sempre se dão mal, e não chegam a parte alguma; mas quando dependem apenas dos próprios meios e conseguem impor-se, raramente falham [...] Porque além do que já foi dito, a natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham sua opinião. Por isso convém ordenar tudo de modo que, quando lhes falte a crença, se lhes possa fazer crer pela força.¹⁰

Tendo definindo a política como um campo de disputa pelo poder e a separado definitivamente da moral, fica claro para Maquiavel que as virtudes pessoais não devem e não podem se vincular à arte de bem governar. Aquela passa a servir apenas para resguardar as preocupações com a salvação individual, cabendo ao governante a responsabilidade para com o povo e o território, dentro de uma ética própria à política. Dentro das responsabilidades para com o Estado, está à necessidade de se praticar o mal, para ter o bem como resultado, e a

⁷ *Idem*, pp. 162-164.

⁸ Além de Maquiavel, Thomas More e os líderes da Reforma protestante (Lutero e Calvino) são também representantes dessa nova forma de se pensar a política. No entanto apenas *O Príncipe* constitui, de fato, um manual de governo.

⁹ MIGUEL, Luis F. *O nascimento da política moderna: Maquiavel, Utopia, Reforma*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007, p. 19.

¹⁰ MACHIAVELLI, Nicollo. *O Príncipe e dez cartas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, pp.22-23.

preferência por ser temido, antes de amado. Além disso, o governante deve ser avaro quando se trata do patrimônio público e mesmo quando precisa agir mal, parecer virtuoso aos seus governados.¹¹ Citando o papa Alexandre VI como exemplo, Maquiavel afirma que ao príncipe é necessário aparentar possuir qualidades, mesmo que não as possua:

[...] Ousaria mesmo afirmar que possuí-las todas e sempre as observar chega a ser perigoso, mas a aparência de possuí-las é útil. Assim, é bom ser misericordioso, leal, humanitário, sincero e religioso - como é também bom apenas parecê-lo; mas é preciso ter a capacidade de se converter aos atributos opostos, em caso de necessidade. Deve-se entender que um príncipe [...] para preservar o Estado, é muitas vezes obrigado a agir contra a fé, a caridade, a humanidade e a religião.¹²

Para Maquiavel, a criação de um novo Estado representa “a obra mais difícil e meritória que um homem pode realizar”¹³ e o indivíduo que se torna príncipe de um novo domínio o faz pela instabilidade do mundo, a *fortuna* ou pela força individual do príncipe, a *virtù*.¹⁴

Aqueles que se tornam príncipes exclusivamente pela sorte empregam nisso pouco trabalho, mas só a muito custo se mantêm na nova posição [...] Além disso, os Estados criados subitamente - como tudo o mais que na natureza nasce e cresce com rapidez - não podem ter raízes profundas e ramificadas, de modo que a primeira tempestade os derruba. A não ser que [...] a pessoa que chegou ao poder tenha tanto valor que saiba conservar o que a boa sorte lhe concedeu tão de súbito, construindo, em seguida, as bases que outros precisam erigir antes de se tornarem príncipes.¹⁵

O Processo de Independência do Paraguai

A ocupação inicial das terras paraguaias começou nas vizinhanças de Assunção ao final da primeira metade do século XVI, em consequência ao malogro dos comandados de

¹¹ *Idem*, cap. VIII, pp. 29-30; e caps. XV, XVI e XVII, pp. 44-48.

¹² Machiavelli. *O Príncipe*, cap. XVIII, pp. 49-50.

¹³ Miguel, *op.cit.* p. 39.

¹⁴ No pensamento maquiavélico o conceito de *fortuna* está relacionado, mais do que à sorte ou acaso, ao fato que nem tudo que existe no mundo pode ser controlado pelo homem - seria preciso também possuir a *virtù* para ter capacidade de se influenciar o próprio destino. *Virtù*, em Maquiavel, aplica-se exclusivamente ao governante e não representa, necessariamente, um código moral como entendido no conceito clássico de virtude. Refere-se ao conjunto de qualidades, sejam elas quais forem, cuja posse o príncipe possa achar necessária a fim de manter seu Estado. Maquiavel cita ainda duas outras maneiras de se tornar príncipe - por algum meio vil ou pelo favor dos concidadãos.

¹⁵ Machiavelli, *op.cit.* cap. VII, pp. 23-24.

Domingo de Irala de alcançar o Peru antes de Pizarro. Mais antigo assentamento espanhol na região platina, Assunção, fundada em 1537 e elevada à condição de cidade em 1541, passou a ser a partir daquele fracasso, o centro administrativo de uma área que correspondia, aproximadamente, a dois milhões de km². Principal núcleo habitacional da “Província Gigante de Índias”, sua influência se estendia dos mal definidos limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas, a leste, até a costa do Pacífico, a oeste, e da vastidão das terras indígenas ao norte à quase desconhecida Patagônia, ao sul.

Entre 1540 e 1620 várias cidades e povoados foram estabelecidas às margens dos rios Paraguai e Paraná, iniciando a colonização espanhola na bacia do Prata. Contudo, um decreto real de 1616 viria a dividir o território da “Província Gigante” em duas “fatias”, fazendo com que Assunção perdesse a condição de sede política da região para Buenos Aires. A partir dessa divisão, a expansão da presença espanhola na região do Paraguai se fez de maneira sensivelmente mais lenta, apoiada quase exclusivamente nas numerosas reduções indígenas guaranis, sob o controle dos jesuítas. Constantemente ameaçada por portugueses e guaicurus, Assunção controlava ao final do século XVII apenas uma pequena faixa territorial de aproximadamente 80 km no sentido norte-sul e não passava de “uma província periférica nos confins nortistas da bacia do Rio da Prata”.¹⁶

O início do século XVIII marcou uma mudança fundamental nas políticas administrativas das autoridades paraguaias. Essas políticas, até então estáticas e controladas por militares que estimulavam posições essencialmente defensivas, passaram a ser exercidas por uma administração predominantemente civil, mais dinâmica, que privilegiava a ocupação do território com atividades econômicas. Com a integração de toda a região ao Vice-reino do Prata (1776), foram criados núcleos de colonização ao longo de diversos eixos de ocupação, com o objetivo de expandir e garantir as regiões fronteiriças. Esses objetivos se tornaram possíveis graças ao contínuo e acelerado crescimento da população *criolla* e não contou com participação significativa dos naturais de Espanha, segmento que não representava, em 1782,

¹⁶ BREZZO, Liliana M. “Por La Gloria de La Nación. Las Exploraciones de Juan Francisco de Aguirre y sus Relatos sobre El Rio de La Plata”. In _____ (ed.). *Aislamiento, Nación e Historia en El Río de La Plata: Argentina e Paraguay. Siglos XVIII – XX*. Rosario, República Argentina: Instituto de Historia - Facultad de Derecho y Ciencias Sociales del Rosario, 2005, pp. 29-30.

mais de 1% da totalidade da população, estimada em cerca de 90 mil pessoas.¹⁷ Essas medidas não foram, contudo, suficientes para superar as pendências fronteiriças entre lusitanos e espanhóis, pois conquanto não se furtasse a negociar, Portugal jamais deixou de procurar expandir suas fronteiras ao longo de todo o período colonial. As questões dos limites à época da independência paraguaia, teoricamente definidos por diversos tratados entre aquelas casas reais, continuavam, na prática, a ser objeto de litígio entre elas.¹⁸

Organizado sob o poder incondicional do rei e seus representantes, o império espanhol marginalizava política e socialmente os filhos da terra (os chamados *criollos* ou mestiços, descendentes dos antigos conquistadores e mães indígenas), grupamento social que representava a maioria esmagadora da população paraguaia. Eram peninsulares apenas os funcionários reais - entre eles o Governador e os membros dos *cabildos* - e aquelas poucas pessoas que pertenciam à aristocracia local, concentrada no diminuto comércio de Assunção. A estes se juntavam os chefes militares da pequena tropa do Exército Provincial responsável pela manutenção da ordem interna, quase sempre insuficiente para conter as periódicas revoltas indígenas e os constantes atritos com os portugueses. Juntamente com o clero, esses grupos eram os principais beneficiários dos privilégios da ordem social vigente e jamais deixaram de se considerarem súditos leais da Coroa espanhola.¹⁹

Ao clero e aos descendentes hispânicos somavam-se os chefes das milícias populares, proprietários rurais que mantinham sob suas ordens pequenos agricultores, sem vocação ou treinamento adequado para a vida militar. Em sua maioria *criollos*, exerciam na prática o papel originalmente reservado por direito ao conquistador - a responsabilidade pela defesa e na medida do possível, pela luta na ampliação do território contra índios e portugueses.

¹⁷ *Idem*, pp. 33-35.

¹⁸ A Comissão Demarcatória para a América Meridional, criada para regulamentar as linhas divisórias estabelecidas pelo Tratado de Santo Ildefonso, se dissolveu em 1802 sem conseguir alcançar seu objetivo, em grande parte devido à ausência dos portugueses.

¹⁹ Não é de estranhar que espanhóis natos representassem uma ínfima parte da população de Assunção, uma vez que a ausência de ouro ou prata não estimulava o deslocamento de correntes migratórias ibéricas para a região. Dessa forma, em que pese suas dimensões, a Província jamais recebeu uma onda significativa de imigrantes hispânicos preparada para enfrentar as tarefas administrativas, como aconteceu no México ou Peru, por exemplo. Por muito tempo sua organização institucional continuou entregue aos descendentes dos primeiros conquistadores, mais bem preparados para lutar que administrar.

Na capital da província havia também um restrito círculo intelectual, integrado por alguns poucos acadêmicos egressos das Universidades de Córdoba e Chuquisaca,²⁰ que lecionavam e prestavam auxílio legal à diminuta parte da população que podia pagar por esses serviços. Entre eles destacava-se José Gaspar Rodríguez de Francia. Os demais grupos sociais, compostos por negros e índios, além das mulheres, encontravam-se totalmente à margem de qualquer atividade cívica às vésperas da Independência. Embora ligados por interesses comuns que determinavam sua identidade e comportamento no cenário social da província, nenhum deles se constituía em partido político.²¹

A circular enviada pela Junta e pelo Cabildo de Buenos Aires às demais províncias do Prata, em 1810, convidando-as a participar de um Congresso Geral para escolher as autoridades que deveriam governar o Vice-reino até a recuperação do trono espanhol por seu legítimo ocupante, foi desconsiderada por Assunção. Bernardo de Velasco, governador da província, “preferiu convocar sua própria assembléia, convidando o clero, oficiais militares, magistrados, corporações, homens de letras e proprietários de toda a jurisdição para decidirem o que era justo e conveniente”.²² Dela ficou ausente a imensa maioria da população paraguaia, que não tinha terras nem propriedades e não pertencia a nenhuma daquelas corporações. A proposta de Bernardo de Velasco, de se desconhecer o apelo da Junta de Buenos Aires e continuar a obedecer ao Conselho de Regência contou com o apoio de todos, menos de Francia, que considerou o jugo espanhol findo e proclamou o Paraguai como república independente. Sua atuação nessa assembléia foi assim descrita por um súdito britânico:

[...] entrou no salão no auge dos debates. Caminhando até a mesa e tomando seu lugar ao lado de vários funcionários governamentais, colocou calmamente um par de pistolas carregadas em sua frente e disse: “São esses os argumentos que trago contra a supremacia de Fernando VII”. Contra argumento tão prático e audacioso não havia apelo; e assim Francia, praticamente a fogo, forçou seus conterrâneos a fazerem, pela primeira vez na América do Sul, uma declaração de independência total da velha Espanha [...] ²³

²⁰ Atual Sucre, Bolívia.

²¹ Ashwell, *op.cit.* pp. 137-142.

²² *Idem*, p. 149.

²³ ROBERTSON, John P. & William P. *Letters on Paraguay comprising an account of four years' residence in that republic under the government of the Dictator Francia*. Vol. II, p.33. London: William Clowes & Sons, 1838. <<http://books.google.com/books>> 19/07/2010.

Essa descrição é confirmada pelo testemunho do jesuíta Francisco Bogarín, o qual relata que a monotonia dos discursos só foi alterada quando o Dr. Francia tomou a palavra para declarar que aquela Assembléia não deveria perder seu tempo decidindo quem seria o rei da Espanha:

[...] ainda que um deles seja o rei da Espanha, o que nos importa? Nenhum deles é o rei do Paraguai. O Paraguai não é patrimônio da Espanha nem província de Buenos Aires. O Paraguai é uma república independente. A única questão que essa Assembléia deve discutir é como devemos defender e conservar nossa independência contra a Espanha, contra Lima, contra Buenos Aires e contra o Brasil [...]²⁴

A Assembléia, contudo, reafirmou sua fidelidade ao Conselho de Regência e convocou uma Junta de Guerra para organizar a defesa da província contra eventuais ataques externos. Embora a proposta de Francia não tenha sido considerada a mais adequada e ele próprio tenha se retirado antes do encerramento da sessão, começava ali a ascensão da carreira política daquele que em pouco tempo passaria a ser conhecido como *El Supremo*.

A decisão paraguaia de jurar lealdade ao Conselho de Regência, ao mesmo tempo em que optava pelo desconhecimento da autoridade da Junta de Buenos Aires, deu início a uma série de enfrentamentos que levaram à derrota as forças portenhas e em seguida, à destituição do Governador Geral da Província do Paraguai e o retorno definitivo de Francia ao cenário político da “Província Rebelde”. Para tanto, não lhe faltavam credenciais, pois tinha larga experiência na administração colonial, conforme atesta sua Ata de Nomeação (1809) como Delegado da Província junto a Buenos Aires, a capital do Vice-reino do Prata:

[...] o doutor José Gaspar de Francia é natural desta cidade [...] Sua idade é de 43 anos, estado civil solteiro. Pessoa de reconhecido talento e bastante instrução, de caráter pacífico, prudente e moderado e de reconhecida honradez, integridade e conduta. [...] Por sua reputação e bom nome foi eleito, no ano de 1809, Alcaide Ordinário dessa cidade, cujo cargo desempenhou devidamente assim como o de Deputado Interino do Consulado Real [...], que é a função em que atualmente se encontra. Esta é a pessoa que a sorte e a vontade desta Prefeitura destinam e oferecem a V.S. como deputado por esta Província, como um patricio idôneo e ao mesmo tempo zeloso e conhecedor dos interesses dela [...]²⁵

²⁴ Ashwell, *op.cit.* p. 150.

²⁵ *Idem*, pp.159-160.

No devido tempo Velasco seria destituído de suas funções, o Cabildo dissolvido e uma nova Assembléia Geral convocada, a qual, reunida em Assunção em maio de 1811 - e sob clara influência da oratória do Dr. Francia - formou uma Junta Superior que suspendeu “o reconhecimento das Cortes, do Conselho de Regência e de toda e qualquer representação da Coroa espanhola como autoridade Suprema ou Superior desta Província até a decisão final do Congresso Geral a se reunir em Buenos Aires”.²⁶

Assumindo responsabilidades cada vez maiores, Francia redefiniu a Junta à sua feição, afastando o representante do clero e remanejando os chefes militares que a compunham. No início de 1813 sua posição no governo já era forte o suficiente para bloquear novas tentativas portenhas de incluir o Paraguai numa “Associação dos Povos Unidos das Províncias do Rio da Prata”, conforme testemunho pessoal de Nicolas Herrera, enviado do governo de Buenos Aires a Assunção:

[...] Esse homem, que imbuído das máximas da República de Roma tenta ridiculamente organizar seu governo por aquele modelo, tem me dado muitas provas de sua ignorância, de seu ódio a Buenos Aires e da inseqüência de seus princípios. Convenceu os paraguaios que sua Província sozinha é um império sem igual, que Buenos Aires os adula e lisonjeia porque deles precisa e que uma (eventual) união não passa de um pretexto para escravizar o continente.²⁷

A resposta do governo paraguaio a Herrera foi rápida e direta: toda e qualquer decisão só poderia ser tomada por um Congresso Geral que se reuniria após eleição de representantes das diversas regiões da Província, escolhido entre os seus naturais de qualquer classe ou condição. Instalado em setembro daquele mesmo ano, o Congresso não só deixou de acatar a proposta de Buenos Aires como transformou a Província do Paraguai em República. À maneira de Roma, como informara Herrera, foram designados dois cônsules - o líder militar Fulgencio Yegros e José Gaspar Rodriguez de Francia - investidos de plenos poderes para defender a independência do novo Estado, bem como sugerida a criação de um Tribunal Superior de Apelações para a administração da justiça. Com o objetivo de “consolidar a união e impedir qualquer desavença posterior” o Congresso proclamou um “Regulamento de Governo”, que se constituiu na primeira constituição do Paraguai. Nele está especificado que

²⁶ *Idem*, p.167.

²⁷ *Idem*, p.175.

cada Cônsul exerceria a direção do país de forma alternada, por períodos de quatro meses cada um, com “igual jurisdição e autoridade”.²⁸

Tendo exercido o primeiro turno, Francia estava novamente à frente do governo quando da convocação de novo Congresso Geral, em setembro de 1814. Nele foi decidido transformar-se o regime de dois cônsules em um cargo único, para o qual Francia foi novamente eleito, recebendo um mandato de quatro anos e o título de Ditador. No Congresso seguinte, em maio de 1816, foi aclamado Ditador Perpétuo, ficando também acordado que os deputados não mais voltariam a se reunir, a não ser por vontade pessoal do ditador. José Gaspar Rodríguez de Francia tornava-se, portanto, a partir daquela data e pela vontade expressa dos representantes do povo paraguaio, seu líder supremo.

A Ditadura Perpétua de Francia

Em pouquíssimo tempo o Dr. Francia conseguiu centralizar o poder em suas mãos e transferir para o Estado o controle da produção e exportação de seus principais produtos - fumo e erva mate. Além disso, por associar às conhecidas limitações geográficas e comerciais do país uma política francamente isolacionista, conseguiu praticamente “esconder” o Paraguai do mundo exterior.²⁹

Esse isolamento foi mais acentuado entre 1813-18, quando além dos usuais problemas fronteiriços com Buenos Aires ao sul e com portugueses ao norte e a leste, Francia foi também hostilizado por Artigas na região das Missões. Embora não tenha havido nesse período praticamente comércio de espécie alguma com seus vizinhos, foram feitas algumas tentativas de se negociar com outros governos a troca dos produtos locais por armamento, de modo a garantir a soberania. Interessado em manter sua única saída para o mar aberta, a

²⁸ *Idem*, pp.181-83.

²⁹ BREZZO, Liliana M. “Tan Necesaria, tan desconocida, tan eficaz para la historia del Rio de la Plata: algunos pasos recientes de la historiografía en Paraguay”. In: *Interpretaciones. Revista de Historiografía Argentina*. Numero 2. Primer semestre de 2007, P.1. <<http://www.historiografia-arg.org.ar/numero%202/Ensayo%20Brezzo.pdf>> 12/05/2010.

escolha do ditador caiu sobre o Reino Unido, potência militar que já havia manifestado interesses comerciais em toda a região do Prata.³⁰

Datam justamente dessa época os primeiros registros de John Parish Robertson, comerciante escocês que juntamente com seu irmão William, viria a publicá-los posteriormente em Londres - *Letters on Paraguay* (1838), em dois volumes, logo complementados por um terceiro, *Francia's Reign of Terror* (1839). Antecedendo a publicação desses títulos, *The Reign of Dr. Joseph Gaspar Roderick de Francia in Paraguay* - tradução do original em francês da obra dos médicos e naturalistas suíços Juan Rengger e Marcelino Longchamps - foi publicado em 1827, também na Inglaterra. Seus autores haviam trabalhado nos quartéis e prisões paraguaias, de onde foram expulsos em 1825, dez anos depois da partida dos comerciantes escoceses. Essas obras foram publicadas enquanto o Dr. Francia ainda vivia e serviram como fonte para o capítulo dedicado ao Ditador Perpétuo por Thomas Carlyle em *Foreign Quarterly Review* (1843).³¹

O único texto deixado por um paraguaio contemporâneo a Francia deve-se a Mariano Antonio Molas, amigo e companheiro de primeira hora do Ditador nos eventos que culminaram com a independência do país. Molas havia apoiado Francia para o consulado em 1813 e para a ditadura temporal em 1814, mas caíra em desgraça em 1816, quando se opusera à Ditadura Perpétua. Escrito enquanto estava no cárcere (1828-40), seu livro - *Descripción histórica de la antigua província del Paraguay* - foi publicado em Buenos Aires (1868), postumamente.

Os textos de John e William P. Robertson, juntamente com o deixado por Rengger e Longchamps, constituem, portanto, as únicas obras divulgadas durante o governo do Dr. Francia e juntamente com o livro de Molas, descrevem o país e a sociedade paraguaia da época, ao mesmo tempo em que dão testemunho pessoal do convívio com o Ditador. Rengger e Longchamps assim o descrevem:

[...] Ele é um homem de estatura mediana, traços regulares e aqueles belos olhos negros que caracterizam os criollos da América do Sul. [...] Admirava muito as

³⁰ WILLIAMS, John H. "Paraguayan Isolation under Dr. Francia: A Re - Evaluation". In: *The Hispanic American Historical Review*, Volume 52, Issue 1 (Feb. 1972), p.104. <<http://www.latinamericanstudies.org/paraguay/francia.pdf>> 11/06/2010.

³¹ Posteriormente reimpresso em *Critical and Miscellaneous Essays* (1869).

conquistas de Napoleão, deplorando a queda de seu governo [...] Mas deplorava mais a Igreja, insistindo na necessidade de se esmagar o espírito religioso na America [...] Falando da emancipação da America Espanhola, declarou fervorosamente seu amor pela causa e sua firme determinação de defendê-la contra qualquer ataque, não importando de onde viesse [...] Mostrou-me sua biblioteca: era pequena, na verdade, mas praticamente a única existente no Paraguai. Nela encontrei, juntamente com os melhores autores espanhóis, os trabalhos de Rousseau, Voltaire, Rollin, Laplace [...] Possuía também alguns instrumentos matemáticos, globos e mapas, entre esses últimos o melhor a ser encontrado no país [...] ³²

O restante do livro é dedicado a analisar em minúcias o cotidiano do país em geral e do ditador em particular. Nele, o Paraguai é descrito como um país idílico de população afável e hospitaleira, com uma pequena elite servil e ignorante dominada pela mão-de-ferro de um Ditador despótico e sanguinário.

A avaliação dos irmãos Robertson é praticamente a mesma dos médicos suíços. Os autores das *Letters* não poupam elogios à beleza da terra nem à gentileza do povo. Notando a prevalência da língua guarani sobre o castelhano, fazem uma descrição quase poética da sociedade rural paraguaia:

[...] Estava agora no país propriamente dito, o pampa aberto dando lugar aos bosques. Os pastos, protegidos por árvores e irrigados por abundantes riachos, eram, em sua maior parte, agradavelmente verdes [...] Fiquei muito impressionado pela surpreendente simplicidade e gentileza dos habitantes [...] Aqui, como em Corrientes, a língua espanhola era pouco e relutantemente falada pelos homens e quase nada pelas mulheres, tendo sido praticamente superada pelo guarani [...] Jantamos fartamente, com leite, mandioca, mel e cordeiro assado. Imediatamente após o jantar a numerosa família de nosso hospedeiro veio até ele e com as mãos fechadas e levantadas, em uma atitude de prece, disse em guarani: “Sua benção, meu pai”. O velho homem moveu sua mão de modo a descrever com ela a imagem de uma cruz e disse a cada um de seus filhos, em sucessão: “Deus te abençoe, meu filho”, ou “minha filha”, conforme fosse o caso [...] ³³

A opinião dos autores em relação ao país já não é a mesma a partir do momento que chegam a Assunção. Avaliam mal a capital e sua elite ridicularizando os usos e costume de quem os hospedava, certo Dr. Bargas, mistura de advogado e comerciante “que negociava

³² RENGER, Juan & LONGCHAMPS, Marcelino. *The Reign of Dr. Joseph Gaspard Roderick de Francia in Paraguay: Being an Account of Six Years Residence in that Republic, from July, 1819 to May, 1825*. London: Thomas Hurst, Edward Chance & Co. 1827, pp. 64-65. <<http://books.google.com/books>> 15/05/2010.

³³ Robertson, *op.cit.* pp. 259-269.

vinhos e fumo sobre a mesma mesa em que escrevia petições legais”. Quanto à cidade, embora afirmando “que nada poderia ser dito dela”, deixaram uma opinião bastante ácida:

[...] Em extensão, arquitetura, comodidade ou população, não se compara a uma cidade inglesa de quinta categoria. [...] Sua casa de governo, com o título de palácio, é uma humilde e baixa estrutura caiada, embora extensa. Seus maiores edifícios, longe de serem suntuosos, são os conventos. [...] A maior parte das moradias são cabanas simples, em ruas estreitas [...] ³⁴

A população de Assunção foi descrita como o resultado da mistura de espanhóis e indígenas, com pouquíssimos negros ou mulatos. O corpo militar, o clero, advogados, comerciantes e mercadores compreendiam cerca de 10% da população da cidade, sendo o restante formado por pequenos proprietários rurais, trabalhadores livres e indígenas envolvidos com o trabalho doméstico. Os Robertsons consideraram a miscigenação como a principal característica da sociedade paraguaia, mas paradoxalmente observaram que nela preponderavam os traços peninsulares:

[...] tão atenuados (os traços indígenas) que dão aos nativos ares e aparência de descendentes de europeus. Os homens eram geralmente bem feitos e atléticos; as mulheres, quase invariavelmente belas. A leveza e simplicidade de seus vestidos, e a atração pessoal delas, ainda mais notável que aquela das mulheres de Corrientes, lhes dava uma aparência interessante e atraente [...] ³⁵

O primeiro encontro de John Robertson com José Gaspar Rodríguez de Francia foi casual e provocou uma reação inicial de franca admiração no mercador escocês. Robertson descreve a pessoa e a casa do Dr. Francia em detalhes:

[...] e vi um homem de aproximadamente 50 anos, vestido de preto com uma capa escarlate sobre seus ombros [...]. Tinha pele morena, olhos escuros penetrantes e cabelos lisos penteados para trás, o que lhe dava um aspecto bastante digno e nos sapatos usava grandes fivelas douradas. [...] Me apresentou sua biblioteca [...] com cerca de 300 volumes. Havia muitos livros de Direito, poucos sobre Ciências, outros em francês e latim de interesse geral, alguns tratados em álgebra. [...] A vaidade me pareceu ser o principal traço de seu caráter [...] Demonstrou ter conhecimento das obras de Voltaire e Rousseau [...] mas tinha mais orgulho em ser conhecido como versado em álgebra e astronomia [...] ³⁶

³⁴ *Idem*, pp. 285-90.

³⁵ *Idem*, pp. 290-92.

³⁶ *Idem*, pp. 331-35.

A admiração por Francia, por parte dos comerciantes escoceses, não seria duradoura, contudo. A avaliação dos Robertsons, já bastante desfavorável aos membros da Junta, passa em pouquíssimo tempo a ser particularmente dura também para com aquele que temporariamente se encontrava fora dela - José Gaspar Rodríguez de Francia, do qual John tinha tido anteriormente uma “excelente impressão”:

[...] A Junta que naquele momento governava a província era composta por três membros e assistida por um assessor e um secretário. Desses, o presidente era Dom Fulgencio Yegros e o segundo em comando, Don Pedro Juan Caballero [...] Menciono esses nomes porque de uma maneira ou de outra, todos sucumbiriam, num futuro não muito distante, à ingovernável inveja e à inexorável crueldade de Francia. Ele tinha sido, até pouco antes de minha chegada, secretário da Junta, mas tendo evidenciado um temperamento petulante, intratável e obstinado, retirou-se do governo.³⁷

Da mesma forma que nos relatos dos viajantes europeus, *Descripción de La Antigua Provincia Del Paraguay*, obra póstuma de Mariano Antonio Molas, descreve aspectos particularmente negativos relacionados à ditadura do Dr. Francia:

[...] Vinte e cinco anos de tirania e despotismo, que não se lêem nas histórias das nações, gemeu o Paraguai na prisão, arrastando pesadas correntes [...] Viram os paraguaios um homem, que havendo convocado e reunido em Congresso presidido por ele os habitantes da Província, se fez proclamar “Supremo Ditador Perpétuo da República do Paraguai”, prevalecendo-se da ignorância dos paraguaios, que não sabiam nem conheciam a autoridade sem limites da ditadura; Negou publicamente a religião católica e se declarou chefe e cabeça da Igreja Paraguaia, atribuindo-se também o poder espiritual [...] Estabeleceu um espantoso sistema de espionagem e premiava os delatores caluniosos com empregos lucrativos [...] Ateu, fraudador, embusteiro, desconfiado, tíbio, inacessível, ladrão e ímpio, morreu impenitente no dia 20 de setembro 1840, um domingo.³⁸

Em seu texto, Molas compara Francia a Pigmalião, mitológico rei de Tiro, a quem “teria imitado em tudo”:

[...] Em Tiro, ser virtuoso é um crime ainda maior que ser rico. Ele (Pigmalião) quase nunca é visto, seus poucos amigos não ousam abordá-lo de medo de tornarem-

³⁷ *Idem*, pp. 280-82.

³⁸ MOLAS, Mariano A. *Descripción histórica de la antigua provincia del Paraguay*. In: <http://www.bvp.org.py/biblio_htm/mol/mol_1_8.htm> 03/06/2010.

se suspeitos aos seus olhos [...] Ele presumia que não existe nenhuma virtude sincera sobre a terra. Uma guarda assustadora tem sempre espadas desembainhadas ao redor de sua casa [...] Pigmalião teme tudo, receia os estrangeiros e seus súditos; quer saber quantos navios chegam ao porto, qual o país de origem, os nomes dos homens que estão neles, o tempo que pretendem demorar por aqui.³⁹

Já Thomas Carlyle, que jamais viajou ao Paraguai, apresenta em *Essays* uma versão completamente oposta do país e de seu Ditador. Em poucas páginas consegue desqualificar tanto as opiniões de Rengger e Longchamps quanto as dos irmãos Robertson e transforma o “tirano sanguinário” em mandatário esclarecido, legalmente eleito por uma Assembléia Nacional e transformado em Ditador Perpétuo pela vontade de seu próprio povo:

[...] Até agora nossa principal fonte de informações em relação a Francia é um pequeno livro, *The Reign of Dr. Joseph Gaspard Roderick de Francia in Paraguai*, lançado em francês há cerca de dezesseis anos pelos Senhores Rengger & Longchamps e traduzido em várias línguas. Aquela para o inglês é meu doloroso dever informar, homem algum deve ler, a não ser em caso de extrema necessidade. [...] O considero, contudo, autêntico, verdadeiro e moderadamente acurado; não sendo longo, é inteligível e racional e no original em francês não é de todo insuportável. Podemos dizer que abarca, até os dias de hoje, tudo de importante que se sabe na Europa a respeito do Ditador Déspota. [...] O próximo triste trabalho desse Revisor é dizer agora algumas palavras a respeito dos irmãos Robertson com suas *Letters on Paraguay* e outros livros sobre a América do Sul. Esses irmãos eram dois escoceses que partiram para Buenos Aires e dali para Assunção em uma aventura comercial.⁴⁰

Carlyle continua a dissecar a obra dos irmãos Robertson capítulo por capítulo: desacredita seus autores, que teriam tido interesses comerciais prejudicados por Francia, especula a respeito do tipo de educação recebida por ele em Córdoba, descreve sua atuação como advogado em defesa dos mais humildes e ironiza a descrição da geografia paraguaia, mais próxima de um Jardim do Éden do que de uma selva tropical:

[...] Lemos essas *Letters* pela primeira vez, recentemente. São escritas de improviso, sem arte, com estilo bastante incorreto de linguagem, pensamento e concepção [...] É um tipo de livro que deve ser desprezado nos dias de hoje, um daqueles pertencentes à longa categoria de livros que o leitor pode pesquisar, por assim dizer, “com um olho fechado e o outro também” [...] Os autores nada ou quase nada têm a acrescentar no terceiro volume, intitulado *Francia’s Reign of Terror*. Apropriaram-se

³⁹ FENELON, François S. *As aventuras de Telêmaco, filho de Ulisses*. São Paulo: Madras, 2006, pp. 34-38.

⁴⁰ CARLYLE, Thomas. “Dr. Francia”. In *Critical and Miscellaneous Essays*, Volume VI. London: Chapman and Hall, 1869, pp. 83-86. <<http://books.google.com.br/books>> 24/06/2010.

de quase todos os fatos importantes relatados por Rengger & Longchamps, acrescentando algumas poucas reminiscências pessoais [...] Chega desses Robertsons!⁴¹

Tendo feito a crítica - e a acusação de plágio - pergunta aos leitores “como lidar com este Dr. Francia”, advertindo-os, de antemão, que as informações colocadas à disposição do público pelos autores britânicos e suíços “não seriam fatos, mas sombras deles”. Sempre enfatizando que “Francia não deveria ser visto como um tirano sanguinário aos olhos do mundo, como descrito pelos olhos de Rengger ou dos Robertsons, mas através de seus próprios olhos”, responde à sua própria pergunta, descrevendo José Gaspar Rodriguez de Francia quando moço:

[...] Sua naturalidade é objeto de controvérsia [...] Fez seus estudos primários em Assunção, sendo posteriormente encaminhado para a Universidade de Córdoba, em Tucumã [...] Formado em Teologia (Rengger) ou Direito (Robertsons), deixa Tucumã e reaparece em Assunção alguns anos depois [...] O que aprendeu em Córdoba é mera especulação, seu currículo não é conhecido. Torna-se o mais bem sucedido advogado em toda a cidade de Assunção [...] e o mais justo de todos (Robertsons). Nas horas vagas lia Volney, Raynal e tratados de segunda mão em francês [...] Francia é um homem solitário e um advogado honesto.⁴²

Em seguida, mostra como a personalidade do jovem advogado começou a mudar a partir dos acontecimentos de maio de 1810, quando assumiu o papel de secretário da recém constituída Assembléia Nacional Paraguaia:

[...] Francia retirou-se mais de uma vez para sua chácara, desgostoso com seus colegas [...] Mas o Paraguai precisa ser governado, ou será pior para ele próprio. Os olhos de todo o Paraguai, podemos imaginar, viram-se para o único homem de talento e veracidade que têm [...] Um novo Congresso é convocado em 1813, Francia é nomeado Cônsul [...] No ano seguinte, “com manobras insidiosas”, é declarado Ditador. Com a entrada de Francia no Governo, houve um grande progresso - até Rengger reconhece isso.⁴³

Para Carlyle os textos escritos pelos aventureiros europeus descreviam na verdade um Dr. Francia que não só saneou as finanças, como, além de defender as fronteiras, conseguiu organizar a agricultura ao mesmo tempo em que anulava tanto a influência de caudilhos

⁴¹ *Idem*, pp. 87-88.

⁴² *Idem*, pp.91-106.

⁴³ *Idem*, pp.111-112.

próximos, como Artigas quanto a de “libertadores” distantes, como Bolívar e San Martín. O Ditador teria também conseguido diminuir as pressões externas exercidas pelo Império Brasileiro e por Buenos Aires, trazendo a paz para a nação paraguaia. Carlyle reforça sua opinião lançando mão de “um trabalho ainda não traduzido para o idioma inglês, escrito pelo Prof. Sauerteig, uma alma aberta que teria também feito uma ou outra observação filosófica sobre o Dr. Francia”:

[...] É uma pena, que uma nação não possa ser reformada apenas pelo clamor dos aplausos. Isso não é possível. Reforma não é alegre, mas triste; nenhum homem pode reformar a si mesmo sem sofrer e trabalhar duramente, quanto mais uma nação [...] Um homem de verdade tende a ser rei de seu mundo, a se portar em seu mundo como ele de fato é - um ponto de luz e ordem, não de escuridão e confusão. Um homem ama o Poder: sim, se ele percebe a desordem, sua eterna inimiga, ameaçando-o, ele precisa ver esse inimigo conquistado. Enquanto o dito inimigo não for derrotado, ele não pode ter descanso [...] A chama interna de Francia não é fraca. Deixe-o irradiar a noite paraguaia com ela.⁴⁴

É possível que as narrativas dos Robertsons tenham se baseado na de Rengger e Longchamps - os textos são de fato bastante semelhantes - como é mais que provável que teriam sido escritas de outra forma, se “feito através dos olhos de Francia”, como sugere a retórica de Carlyle. Todos concordam, contudo, que enquanto viveu, José Gaspar Rodríguez de Francia controlou de forma incontestada o país e absoluto foi o poder que deteve sobre seu povo.

Considerações finais

Por não despertar maiores interesses junto à Coroa, o governo colonial no Paraguai foi exercido por quase duzentos anos por pessoas escolhidas de comum acordo pelas autoridades locais. A abolição desse costume em 1735, agravada pela subordinação a Buenos Aires a partir de 1776, diminuiu consideravelmente tanto a importância de seu *Cabildo* como o peso específico dos grandes proprietários nas atividades cívicas da província. Grupos que se organizavam para lutar pelo mando e pelo exercício do poder deixaram de se reunir, ao mesmo tempo em que a administração e o comércio passavam à mão de um reduzido grupo

⁴⁴ *Idem*, pp. 117-18.

de peninsulares. Restou aos *criollos* incorporar-se ao clero, alistar-se às milícias ou trabalhar a terra.⁴⁵

Às barreiras políticas, físicas e comerciais - o porto de Buenos Aires impunha crescentes dificuldades à livre circulação de suas mercadorias - deve ser acrescentado o fator étnico, pois o pequeno número de espanhóis assentados nas vilas e povoados diminuía continuamente em relação à população indígena, o que propiciou um aumento constante da população mestiça, em pouco tempo majoritária na região. Conscientes da impossibilidade de reclamar uma “limpeza de sangue” e fazendo uso do guarani como língua franca, os paraguaios cada vez menos se identificavam com portenhos ou portugueses, preferindo a herança guarani à espanhola. No início do século XIX, Assunção já estava relegada à posição de um assentamento isolado no coração do continente, com produção agrícola limitada à subsistência de seus habitantes e as exportações de erva mate, fumo e madeiras reduzidas a quantidades inexpressivas. Contava apenas com algumas escolas primárias e um único colégio jesuíta.⁴⁶

Essas peculiaridades já eram suficientemente fortes em 1810 e constituíram as bases do nacionalismo paraguaio. Assim, é plausível creditar a recusa dos habitantes de Assunção aos apelos da Junta de Buenos Aires mais ao temor de uma submissão adicional àquela cidade do que à dedicação ao trono de Espanha. Nessa mesma linha, os acontecimentos de maio de 1811 podem ser considerados como consequência da atividade fronteiriça dos portugueses e não como o “resultado do surgimento de uma ideologia em defesa dos direitos naturais do povo paraguaio”.⁴⁷ Além desses fatores, a transformação de José Gaspar Rodriguez de Francia de coadjuvante a ator de primeira grandeza no cenário político da Província, acelerou essa tendência, que continuou a crescer na mesma proporção em que o futuro ditador galgava os degraus da hierarquia do poder no Paraguai.

José Gaspar Rodriguez de Francia recebeu o título de Ditador⁴⁸ com a justificativa de melhor poder defender o país e seu povo das pressões externas exercidas por Buenos Aires e portugueses sobre seu território. Sua atitude no exercício do poder, considerada violenta e

⁴⁵ Ashwell, *op. cit.* p. 142.

⁴⁶ *Idem*, pp. 142-147.

⁴⁷ Williams, *op.cit.* p. 103.

⁴⁸ Na república romana a Ditadura era exercida por um período limitado de tempo, usualmente não mais que seis meses, de modo a lidar com uma emergência.

arbitrária, especialmente em sua primeira década, levou os autores das obras que servem de fonte para esse trabalho a considerar *El Supremo* como um “tirano sanguinário, capaz de cometer as piores atrocidades, indistintamente”. Contudo, do ponto de vista conceitual e político, essa tese não se sustenta. Não se sabe se Francia assumiu o poder por um ato de força nem se governou contra os interesses do povo paraguaio. Tanto a eleição para o Consulado, quanto a posterior para Ditador, foram feitas de forma consensual e aparentemente legítima. Uma vez investido da autoridade de governante supremo - parte da ética republicana moderna - a exerceu de forma praticamente absoluta.

Quanto ao comportamento político, conscientemente ou não, seguiu quase literalmente o papel reservado a um governante renascentista, conforme prescrevia o manual dedicado a Lourenço II por Maquiavel. Como n’*O Príncipe*, não hesitou em defender os interesses do Estado contra inimigos externos e internos, mesmo que para isso tenha sido forçado a tomar medidas de extrema crueldade. Como sugerido naquele texto, separou radicalmente sua vida privada dos negócios do Estado e estes dos da Igreja. Meticuloso, centralizou ao máximo o Poder, exercendo um controle praticamente total sobre tudo o que ocorria em seu país, independentemente de sua importância. Obedecendo às suas recomendações - e muito provavelmente também a interesses próprios - desvencilhou-se de compatriotas que poderiam tornar-se suficientemente poderosos para tutelá-lo, como Yegros e Caballero. Orgulhoso, arrogou-se no plano interno o direito de autorizar casamentos, estimular a miscigenação, diminuir a importância do castelhano e promover o guarani como língua oficial do país. No externo, foi pragmático, mentindo tanto para os enviados de Buenos Aires, que negociavam a reincorporação do Paraguai à Confederação Argentina, quanto para os *orientales* de Artigas, que dela queriam se afastar. Na busca da “verdade efetiva” da vida política, não teve escrúpulos com o *status* moral de suas ações, preocupando-se apenas com seus efeitos.

Francia conseguiu, de fato, impor uma ordem estável em meio a uma região de contingência e acaso, como comentou Carlyle. Sem dúvida o fez dentro de um contexto adequado de lealdade para com o Estado, única maneira de não caracterizar essa imposição como mera tática criminal.⁴⁹ Para tanto, foi cruel, mesquinho e implacável, como o

⁴⁹ Chisholm, Robert. “A Ética Feroz de Nicolau Maquiavel” in: *Clássicos do Pensamento Político*. Quirino, Célia B. e outros (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p.53.

descreveram todos os demais autores analisados. Contudo, Francia não representou, em senso estrito, o papel clássico do tirano, como afirmaram Rengger e Longchamps, os irmãos Robertson e Molas. Tampouco foi fruto do Iluminismo, como queria Carlyle, ele próprio vítima de uma visão europeia permanentemente embaçada por interesses contrariados. Mais que representar o perfil de um homem enigmático como indivíduo e arbitrário como governante, as obras daqueles autores retratam apenas a *virtù* de um homem que aproveitou a materialização da *fortuna* para fundar a nacionalidade paraguaia.

“*Tal fue Francia y tal ha sido su obra. Maldigamos aquél por sus crímenes, pero bendigamos esta última.*”⁵⁰

Referências Bibliográficas

ARISTOTLE. *Politics*. Book IV, Part X. <<http://classics.mit.edu/Aristotle/politics>>.

ASHWELL, Washington. “La Independencia del Paraguay y sus Conflictos con Buenos Aires”. In BREZZO, Liliana M. (Ed.). *Aislamiento, Nación e Historia en El Río de La Plata: Argentina e Paraguay. Siglos XVIII - XX*. Rosario: República Argentina, 2005.

BÁEZ, Cecilio. “La Prueba Fundamental” (1888), in: *Ensayo sobre el Dr. Francia y la Dictadura en Sudamérica*. http://www.bvp.org.py/biblio_htm/baez_francia/baez_prueba.pdf.

BREZZO, Liliana M. “Por La Gloria de La Nación. Las Exploraciones de Juan Francisco de Aguirre y sus Relatos sobre El Rio de La Plata”. In BREZZO, Liliana M. (Ed.). *Aislamiento, Nación e Historia en El Río de La Plata: Argentina e Paraguay. Siglos XVIII - XX*. Rosario: República Argentina, 2005.

_____, Liliana M. “Tan Necesaria, tan desconocida, tan eficaz para la historia del Rio de la Plata: algunos pasos recientes de la historiografía en Paraguay”. In *Interpretaciones: Revista de Historiografía Argentina*. Número 2. Primer semestre de 2007. <http://historiografia-arg.org.ar/numero%202/Ensayo%20Brezza.pdf>.

CARLYLE, Thomas. “Dr. Francia” in: *Critical and Miscellaneous Essays, Volume VI*. London: Chapman and Hall, 1869. <http://books.google.com.br/books>.

CHISHOLM, Robert. “A Ética Feroz de Nicolau Maquiavel”. In *Clássicos do Pensamento Político*. Quirino, Célia B. e outros (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CRESPO, Maria V. “The Concept and Politics of Tyranny and Dictatorship in the Spanish American Revolutions of 1810”. In PALONEN, Kari (Org.). *Redescriptions: Yearbook of Political Thought and Conceptual History*, Vol.10. Berlin-Münster-Wien-Zürich-London: LIT Verlag, 2006.

FENELON, François S. M. *As aventuras de Telêmaco, filho de Ulisses*. São Paulo: Madras, 2006.

⁵⁰ Cecilio Báez. “La Prueba Fundamental” (1888), in: *Ensayo sobre el Dr. Francia y la Dictadura en Sudamérica*. P.10. In: <http://www.bvp.org.py/biblio_htm/baez_francia/baez_prueba.pdf> 21/07/2010.

- MACHIAVELLI, Niccolo. *O príncipe e dez cartas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- MARIANA, Juan de. *Del Rey y de la Institución Real*. Valencia, 2009. <http://www.scribd.com/doc/20902417/Del-Rey-y-de-la-institucion-real>.
- MIGUEL, Luis F. *O nascimento da política moderna: Maquiavel, Utopia, Reforma*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- MOLAS, Mariano A. *Descripción histórica de la antigua provincia del Paraguay*. http://www.bvp.org.py/biblio_htm/molas/mol_1_8.htm.
- RENGGER, Juan & LONGCHAMPS, Marcelino. *The Reign of Dr. Joseph Gaspard Roderick de Francia in Paraguay: Being an Account of Six Years Residence in that Republic, from July, 1819 to May, 1825*. London: Thomas Hurst, Edward Chance & Co. 1827. <http://books.google.com/books>.
- ROBERTSON, John P. & ROBERTSON, William P. *Letters on Paraguay: comprising an account of four years' residence in that republic under the government of the Dictator Francia - in two volumes*. London: William Clowes & Sons, 1838. <http://books.google.com/books>.
- WILLIAMS, John H. "Paraguayan Isolation under Dr. Francia: A Re-Evaluation" in: *The Hispanic American Historical Review, Volume 52, Issue 1* (Feb.1972). <http://www.latinamericanstudies.org.paraguay/francia.pdf>.